

UM OUTRO NOVO TESTAMENTO

Eduardo de Proença
Alessandra Oliveira de Proença
(organizadores)

UM OUTRO NOVO TESTAMENTO

APOCALIPSES



© Fonte Editorial, 2023

Tradução:
Claudio J. A. Rodrigues
Alex Altorfer
Jorge Camargo
Vagner Barbosa
Mariana E. Alces de Almeida

Revisão:
Raquel Catalani

Projeto gráfico e editoração:
Alessandra S. O. de Proença

Capa:
Eduardo de Proença

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O94

Um outro novo testamento : apocalipses / Eduardo de Proença, Alessandra Oliveira de Proença (org.). -- São Paulo : Fonte Editorial, 2023.
195 p. (Série Literatura Apócrifa).

ISBN 978-65-87388-52-6

1. Novo Testamento 2. Apocalipse I. Proença, Eduardo de (org.) II. Proença, Alessandra Oliveira de (org.) III. Série.

CDD 228

Janaina Ramos CRB-8/9166

Índices para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento

1ª edição, 2023

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

FORTE EDITORIAL LTDA
Rua Corinto, 626 / sala 4.
05586-060 São Paulo - SP
Tel.: 11 3726-8884
www.fonteeditorial.com.br
contato@fonteeditorial.com.br

PAULUS
Rua Francisco Cruz, 229.
04117-091 São Paulo - SP
Tel.: 11 5087-3700
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br



SUMÁRIO

9	Literatura Apócrifa e Pseudepígrafa: uma introdução
15	Apocalipse de Baruch
73	Apocalipse de Adão
85	Apocalipse de Abraão
113	Apocalipse de Moisés
127	Apocalipse de Elias
141	Apocalipse de Pedro
151	Apocalipse de Tomé
155	A Revelação de São João, o Teólogo
165	Apocalipse de Paulo

LITERATURA APÓCRIFA E PSEUDEPÍGRAFA: UMA INTRODUÇÃO

O Evangelho de Lucas registra a seguinte expressão de Jesus:

São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras. (Lc 24.44-45)

Enquanto o termo “Escrituras” parece se referir a uma entidade coletiva, um conjunto de textos, as expressões “Lei de Moisés”, “Profetas” e “Salmos” designam categorias de organização no interior deste mesmo conjunto. Eram tipos distintos de textos que demandavam dos leitores posturas diversas de leitura e interpretação. Em algum momento da história das comunidades cristãs, outras categorias surgiram, como Antigo Testamento e Novo Testamento, e cânon e apócrifo. Cada uma tinha como função classificar e organizar textos religiosos.

Estas categorias não nascem com os textos. Seus autores não decidiram escrever um texto “canônico” em vez de um “texto apócrifo”, ou uma obra neotestamentária em vez de uma veterotestamentária. Elas são reflexões posteriores no processo de organizar os livros da comunidade religiosa.

Este extrato de Eusébio de Cesareia, a seguir, é útil para ilustrar sua visão do Novo Testamento:

Chegando até aqui, é hora de recapitular os escritos do Novo Testamento já mencionados. Em primeiro lugar te-

mos que colocar a téttrade santa dos Evangelhos, aos quais segue-se o escrito dos Atos dos Apóstolos. Depois deste há que se colocar a lista das Cartas de Paulo. Depois deve-se dar por certa a chamada Primeira de João, assim como a de Pedro. Depois destas, se está bem, pode-se colocar o Apocalipse de João, sobre o qual exporemos oportunamente o que se dele pensa. Estes são os ditos admitidos. Dos livros discutidos, por outro lado, mas que são conhecidos da grande maioria, temos a Carta dita de Tiago, a de Judas e a segunda de Pedro, assim como as que se diz serem segunda e terceira de João, sejam do próprio evangelista, seja de outro com o mesmo nome. Entre os espúrios sejam listados: o escrito dos Atos de Paulo, o chamado Pastor e o Apocalipse de Pedro, e além destes, e ainda, como já se disse, talvez, o Apocalipse de João: alguns, como disse, rechaçam-no, enquanto outros o contam entre os livros admitidos (Hist. Eccl. III, 25.1-4).

Eusébio classificou os livros em “admitidos”, “discutidos” e “espúrios”, o que parece representar o tipo de uso e o grau de aceitação das obras nas comunidades conhecidas do bispo de Cesareia, no início do séc. iv. O pesquisador do Judaísmo e do Cristianismo antigo pode se valer desse fenômeno para compreender como autores produziram as tais, nos termos de Justino Mártir, “memórias de Jesus” nas mais variadas formas (evangelhos, apocalipses, atos, epístolas) e como as comunidades acessaram estas obras também em variados contextos, inclusive agrupando-as em níveis distintos de autoridade religiosa (cânion e apócrifo, ou, nos termos de Eusébio, admitidos, discutidos e espúrios).

Estas classificações são uma significativa forma para acessar a história das comunidades. A definição da autoridade de um livro não classifica apenas um texto (como canônico ou apócrifo), mas define o próprio grupo. Construir um cânion é, concretamente, construir os limites de uma comunidade religiosa por meio de um conjunto de crenças, práticas e valores cristalizados materialmente nos seus livros sagrados.

Neste sentido, os pesquisadores que estudam a história do Judaísmo e do Cristianismo precisam ampliar sua base de fontes para incluir os livros denominados atualmente de apócrifos e pseudepígrafos. Ambos os termos são usados para descrever livros religiosos produzidos por grupos judaicos e cristãos que não alcançaram o *status* de texto canônico após o fim do primeiro século, para o Judaísmo, e fim do século IV, para o Cristianismo.

Esses documentos não canônicos têm sido ignorados ou subestimados em relação aos canônicos. A energia desperdiçada no estudo dos textos que se tornaram canônicos não é equivalente ao estudo daqueles que não tiveram a mesma sorte. Com isso, o quadro geral do Judaísmo e do Cristianismo antigo acaba distorcido. Uma obra romanceada como *Atos Apócrifos* de André pode revelar mais sobre as expectativas daqueles cristãos quanto à morte do que um texto dogmático canônico.

Há uma diferença fundamental entre o que se deve ler e o que se lê de fato em comunidades religiosas, que acaba produzindo outra diferença igualmente fundamental entre o que se deve crer e o que se crê de fato, ou entre o que se deve fazer e o que se faz de fato. Neste sentido, as fontes tradicionais podem ser importantes na busca do primeiro tipo de questão; enquanto fontes apócrifas e pseudepígrafas podem ser mais úteis na definição do segundo tipo.

O termo “apócrifo” é uma palavra grega que quer dizer “aquilo que está oculto”. Este designa atualmente livros disputados no processo de canonização dos livros sagrados judaicos e cristãos. Eram livros lidos por algumas comunidades, mas rejeitados por outras. Já o termo pseudepígrafo significa “livros falsos”, ou simplesmente, de falsa autoria, já que frequentemente se declaram escritos por figuras do passado remoto das comunidades religiosas, como Enoque, Noé, Moisés, ou um dos apóstolos do Novo Testamento. É comum encontrar divergência quanto à classificação de algum livro específico em função de distintas perspectivas canônicas entre os estudiosos do tema.

Para fechar esta introdução, retomamos a questão: por que estudar ou ler estas obras atualmente chamadas de apócrifas ou pseudepígrafas? Primeiramente, porque elas são fontes importantes para os

pesquisadores do Judaísmo antigo e do Cristianismo dos Primórdios. Porque igualmente elas revelam a natureza plural do Judaísmo antigo e do Cristianismo dos Primórdios. Por fim, são textos antiquíssimos e merecem nossa atenção como produto de grupos e sociedades antigas, com suas próprias formas de representar o mundo divino e humano.

Com base nisso, uma lista representativa de Apócrifos e Pseudepígrafos foi reunida na publicação desta série “Literatura Apócrifa”, que ora o leitor tem em mãos. Trata-se de uma coleção dividida em seis volumes: *Um outro Antigo Testamento*, Tomo 1; *Um outro Antigo Testamento*, Tomo 2; *Um outro Novo Testamento – Evangelhos*; *Um outro Novo Testamento – Atos apostólicos*; *Um outro Novo Testamento – Epístolas* e, por fim, *Um outro Novo Testamento – Apocalipses*.

Sem dúvida, esta coletânea de grande abrangência proporcionará a você, leitor(a), pesquisador(a) ou estudante, uma visão mais ampla, precisa e profunda sobre o significado do texto sagrado.

Prof. Dr. Valtair A. Miranda
Faculdade Batista do Rio de Janeiro
Doutor em Ciências da Religião e em História